



# Igreja de Santa Maria de Meinedo (Lousada): Intervenção arqueológica (1991-1993)

Miguel Areosa Rodrigues \*

## Palavras-chave

Românico, Suevo-visigótico, Necrópole, Meinedo

## Keywords

Romanesque, Suevo-Visigothic, Necropolis, Meinedo

## Resumo

*A atual igreja de Meinedo é um edifício de estilo românico, classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1945. No âmbito de uma intervenção de requalificação da igreja realizada pela Direcção Regional do Porto do IPPAR, entre 1991 e 1993, foi efectuada uma intervenção arqueológica que permitiu detectar diversas estruturas, anteriores e contemporâneas do edifício românico. Na área em que actualmente se situam a Capela de Santo Tirso e a sacristia, foram encontrados vestígios de um templo anterior ao edifício românico, nomeadamente, a sua abside lateral norte. O templo seria constituído, provavelmente, por uma nave principal orientada segundo um eixo Este/Oeste e com uma capela-mor eventualmente semelhante à abside lateral encontrada. A estrutura arquitectónica, o tipo de aparelho utilizado, os capiteis encontrados nas imediações da igreja e a referencia, no Paroquial Suévico, à existência, neste local, de uma Paróquia com a designação de Magnetum, indiciam poder tratar-se de um edifício de construção suevo-visigótica, datável dos séculos VI-VII.*

## Abstract

*The church of Meinedo is a Romanesque style architecture building, classified as a cultural heritage since 1945. As part of an intervention to requalify the church conducted by the Regional Directorate of IPPAR in Oporto between 1991 and 1993, various archaeological structures, prior and contemporaneous of the Romanesque building were observed. In the area that currently lie the Chapel of Santo Tirso and sacristy were found traces of a temple previous to the Romanesque building, including its north side apse. The temple was constituted, probably by a nave oriented at an east / west axis and chancel with a possibly similar to the lateral apse found. The architectural structure, the appliance constructive, the capitals found in the vicinity of the church and the reference in the Paroquial Suévico, to the existence, in this spot, a parish under the name Magnetum, could indicate that it is a suevo -visigothic construction, datable from the 16th and 17th centuries.*

---

\* Técnico Superior da Direcção Regional de Cultura do Norte (mcredrigues@culturante.pt)

## 1. Introdução

Situa-se a freguesia de Meinedo em pleno vale do Sousa, ocupando uma área de suave declive em direção ao vale que neste local se alarga, na confluência com a Ribeira de Caíde. Integrada numa região com bons recursos naturais, de terrenos com boas aptidões agrícolas, esta área foi desde cedo intensamente povoada.

Já no período da Idade do Ferro conhece-se a existência de vários povoados fortificados, nomeadamente o Castro de Pias e o Castro de Meinedo que se situaria na colina em que atualmente se localiza o cemitério da freguesia.

Mas é no período da romanização que se multiplicam os vestígios da ocupação humana deste território:

As necrópoles romanas de Casais Novos e de Bustelo, já objeto de escavações arqueológicas e que indiciam a presença de significativos núcleos populacionais, a estrada romana que atravessava esta região no sentido Norte/Sul, uma lagareta romana existente na Qta. dos Ingleses em Caíde e, principalmente, os abundantes vestígios que se encontraram e encontram no lugar de Casais,

numa ampla plataforma sobrejacente ao vale do Sousa. Estes vestígios que indiciam uma ocupação do local pelo menos entre os sécs. IV e VII, consistem em tégulas (telhas romanas), cerâmica, um sarcófago e vários (3) capitéis decorados, classificados como visigóticos e pertencentes a um edifício religioso. Os capitéis encontram-se alguns, depositados no Museu Etnográfico do Porto e outros na posse de particulares.

A atual igreja de Meinedo é um edifício de estilo românico, sagrado, segundo uma inscrição existente na frontaria, em 1262, e que sofreu posteriormente várias modificações, nomeadamente no século XVIII com a construção da capela de Santo Tirso, da Torre sineira e a abertura de diversas janelas.

A igreja paroquial de Santa Maria ou de Nossa Senhora das Neves de Meinedo encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto, Nº 34452 de 20-3-1945, é propriedade do Estado e está afeta à Direção Regional de Cultura do Norte pela Portaria 828/2009 de 24 de agosto<sup>1</sup>.



Figura 1. Vista geral da Igreja paroquial de Santa Maria de Meinedo (Lousada). Do lado esquerdo é visível a capela de Santo Tirso.

<sup>1</sup> Em 1991 a Igreja paroquial de Meinedo encontrava-se afeta ao IPPC (Instituto Português do património Cultural) de acordo com o Decreto-Lei 216/90 de 3 de junho. Com a criação do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico) a igreja passou a estar afeta a esta instituição pelo Decreto-Lei 106-F/92 de 1 de junho.

## 2.1. A intervenção arqueológica - 1ª fase (1991)

Em 1991, realizaram-se obras, não autorizadas pelo então IPPC (Instituto Português do Património Cultural), na capela de Santo Tirso, situada do lado Norte da igreja de Meinedo. As obras, da iniciativa da Comissão de Obras Paroquial, incluíram a quase total escavação do subsolo da capela sem acompanhamento arqueológico. Face ao aparecimento de alguns vestígios arqueológicos, nomeadamente de tumulações antigas, foi solicitada a intervenção da Direção Regional do Porto do IPPC.

A capela de Santo Tirso é um pequeno edifício de planta retangular, com 6 x 3,7 metros de espaço interior, orientado no sentido Norte/Sul, com porta exterior do lado Oeste e duas pequenas janelas rasgadas nas paredes Este e Oeste. Encontra-se adossada ao lado Norte da igreja, com a qual comunica através de um vão que ocupa toda a sua parede Sul e ao lado Oeste da sacristia, comunicando por uma porta.

A intervenção arqueológica decorreu entre 6 de maio e 1 de agosto de 1991. Verificou-se que na capela de Santo Tirso haviam sido retirados, no decorrer das obras e sem qualquer acompanhamento arqueológico, a quase



Figura 2. Capela-mor, sacristia e capela de Santo Tirso.

totalidade dos sedimentos que preencheriam o subsolo e o interior de 3 estruturas tumulares, construídas com grandes lajes de granito e que deverão datar da construção da capela (séc. XVIII). Eram já visíveis, sob as paredes laterais da capela, os vestígios de uma abside sub-circular pertencente a um edifício anterior. Dos sedimentos originais apenas se preservava uma faixa situada na parte Norte da capela.

No interior de uma das caixas tumulares foi encontrado, segundo descrição do pároco, um caixão de madeira ainda inteiro e que teria no interior restos de um corpo fardado. Nas outras sepulturas foram encontrados fragmentos de

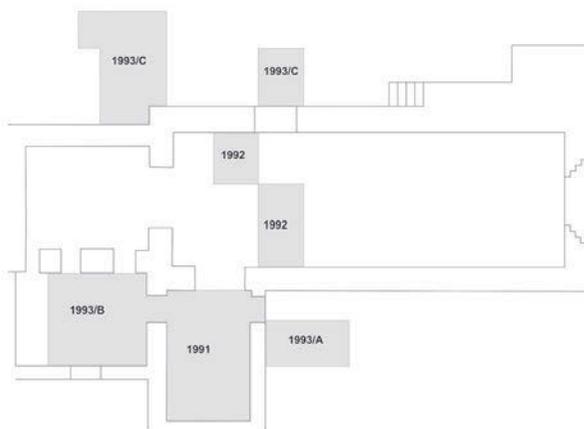


Figura 3. Planta da igreja de Meinedo e áreas intervencionadas arqueologicamente.



Figura 4. Interior da capela de Santo Tirso após a conclusão da escavação (vista S/N). Ao fundo é visível a sepultura escavada no saibro.

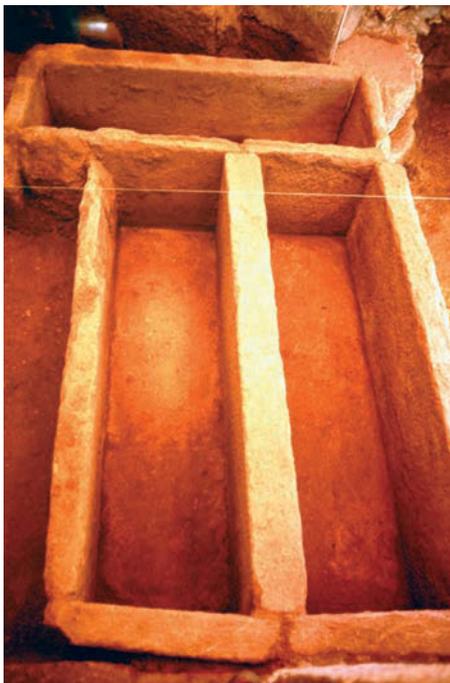


Figura 5. Capela de Santo Tirso - estruturas tumulares.

ossos e madeira. Até ao momento não tinham sido detetados na área imediatamente próxima da Igreja quaisquer vestígios arqueológicos que indicassem a existência de edifícios anteriores neste local. esta situação tinha mesmo levado a pensar que um possível templo do período



Figura 7. Capela de Santo Tirso – arranque da abside sob a parede Oeste da capela.

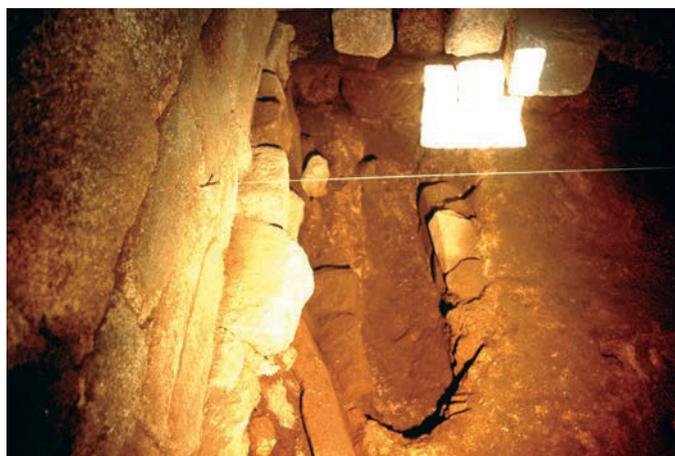


Figura 6. Capela de Santo Tirso - sepultura escavada (vista W/E).

visigótico, indiciado pela presença dos capitéis já referidos, se situaria em Casais, a Norte da Igreja, onde ocorreram esses vestígios.

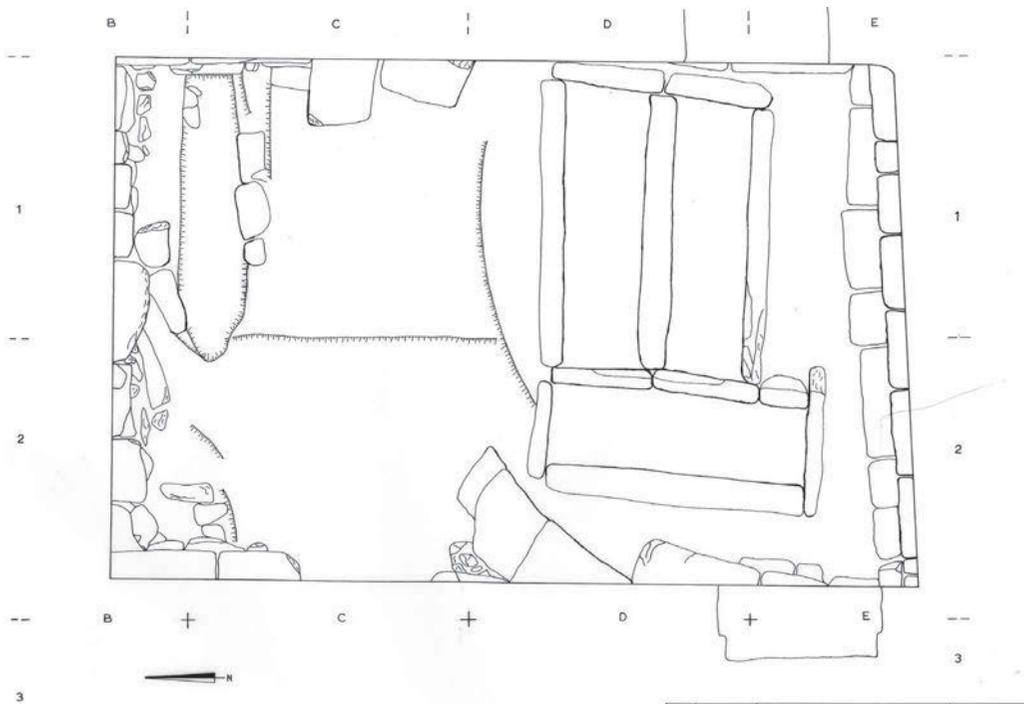
Iniciou-se então uma intervenção arqueológica, que se alargaria posteriormente a outras áreas da igreja<sup>2</sup>.

Procedeu-se à escavação, no interior da capela de Santo Tirso, dos sedimentos que ainda não haviam sido mexidos e que se situavam no lado Norte do edifício. Foi implantada uma quadricula de 2x2 metros, orientada no sentido Este/Oeste.

No limite Norte da capela, e no lado exterior da abside já referida, detetaram-se 2 sepulturas, provavelmente medievais, escavadas no saibro, de forma ovalada e estruturadas com pedras, uma delas ainda com lajes de cobertura mas sem vestígios de ossos. Nos sedimentos que se encontravam sobre estas tumulações foram encontrados ossos humanos descontextualizados. Nomeadamente, alguns ossos longos que se encontravam depositados em conjunto o que faz supor estarmos em presença de um depósito secundário, tipo ossário, relacionado com a utilização da atual capela como local sepulcral.

Foi também possível observar, no espaço central da capela, o negativo do leito de assentamento talhado no saibro para a colocação

<sup>2</sup> Esta primeira intervenção foi realizada com a colaboração do técnico António Freitas e dos operários Alberto Nogueira e José Monteiro, todos eles funcionários da ex-Direção Regional do Porto do IPPC colocados na Área Arqueológica do Freixo (Tongóbriga). Os desenhos incluídos neste artigo tiveram a colaboração dos técnicos Saudade Correia e Jaime Santos da Direção Regional de Cultura do Norte.



**Figura 8.** Planta da capela de Santo Tirso com estruturas tumulares, sepultura medieval escavada no saibro estruturada com pedras e vestígios da abside pré-romana.

das pedras da abside, de que se conservam apenas as partes que se encontram sob as paredes laterais da capela.

## 2.2. A intervenção arqueológica - 2ª fase (1992)

No final de 1992 iniciou-se a 2ª fase de intervenção arqueológica (17 de novembro a 4 de dezembro de 1992), no âmbito da intervenção de requalificação da igreja da responsabilidade da então Direção Regional do Porto do IPPAR<sup>3</sup>.

Previamente à realização de obras de beneficiação no interior da nave da igreja, foram efetuadas sondagens. Foi prolongada a quadricula 2x2 montada na capela de Santo Tirso, e escavada uma área total de 16 m<sup>2</sup> situada na zona da nave da igreja próxima da capela-mor.

Pretendia-se detetar vestígios do edifício com abside encontrado no interior da capela de Santo Tirso. No entanto o subsolo encontrava-se muito remexido por sucessivas tumulações. Foram escavadas e abertas 12 sepulturas, 3 das quais

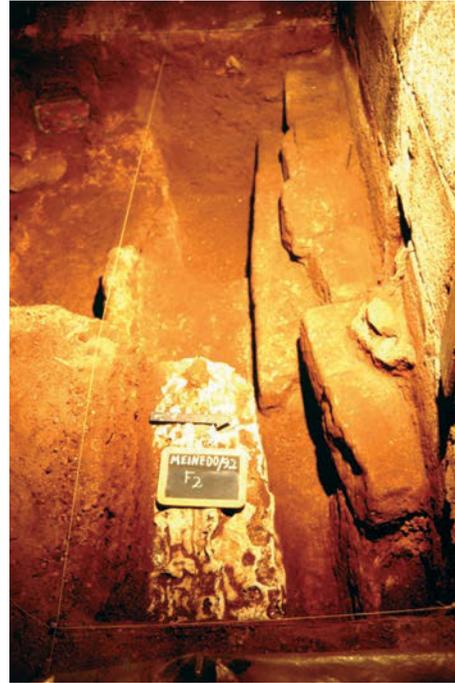
de criança, constituídas por caixões de madeira de formato trapezoidal, com pegas laterais em corda, decorados com uma cruz, em tecido, na tampa e, lateralmente, com motivos reticulados em losango; estavam dispostos alinhadamente com as cabeças orientadas a Oeste. Se a madeira se encontrava relativamente conservada, pelo contrário os restos ósseos estavam muito desfeitos devido à ação da cal viva que foi lançada no interior dos caixões para permitir uma rápida desagregação dos tecidos orgânicos. Foi possível recolher nesta área algumas moedas, medalhas, terços e botões em adiantado estado de degradação.

Foi possível verificar que os esqueletos se encontravam em posição de decúbito dorsal com as mãos colocadas sobre o ventre. Os poucos restos ósseos recolhidos foram novamente enterrados no local uma vez terminada a intervenção. Considerando o espólio recolhido no interior das sepulturas, as últimas tumulações encontradas deverão datar da 2ª metade do séc. XVIII e da 1ª metade do séc. XIX.

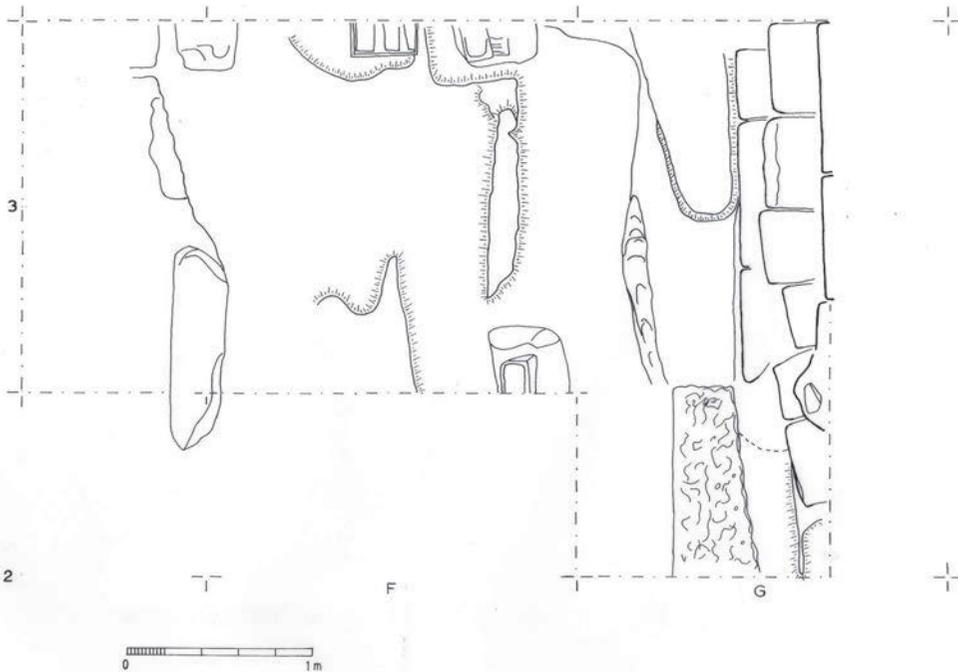
<sup>3</sup> A intervenção de requalificação da igreja teve como projetista o Arqtº Francisco Cunha e o acompanhamento do Arqtº João Carlos Santos pela DRPorto do IPPAR



**Figura 9.** Quad. F3/G3 - tumulações 1 a 6. No centro caixão de recém-nascido.



**Figura 10.** Quad. F2 – Tumulação 14 – caixão em chumbo. Alicerce da parede interior Norte da Nave.



**Figura 11.** Planta das quad. F2, F3 e G3, na nave da igreja, após a escavação. Nesta área foram detetadas 6 sepulturas de adulto, em caixão de madeira; 1 sepultura de recém-nascido em caixão de madeira; 1 sepultura de adulto em caixão de chumbo; 1 sepultura escavada no saibro.

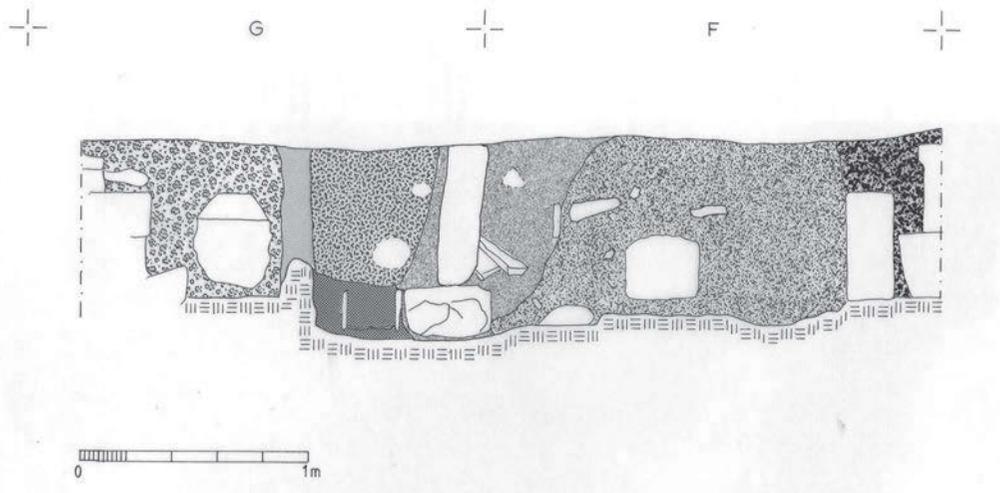


Figura 12. Corte Este das quad. F3 e G3. São visíveis diversas tumulações, no lado Norte caixão em chumbo (tumulação 14).



Figura 13. Quad. F3 – alicerce da parede Norte da nave da igreja.



Figura 14. Quad H/12 – alicerce da parede Sul da nave da igreja.

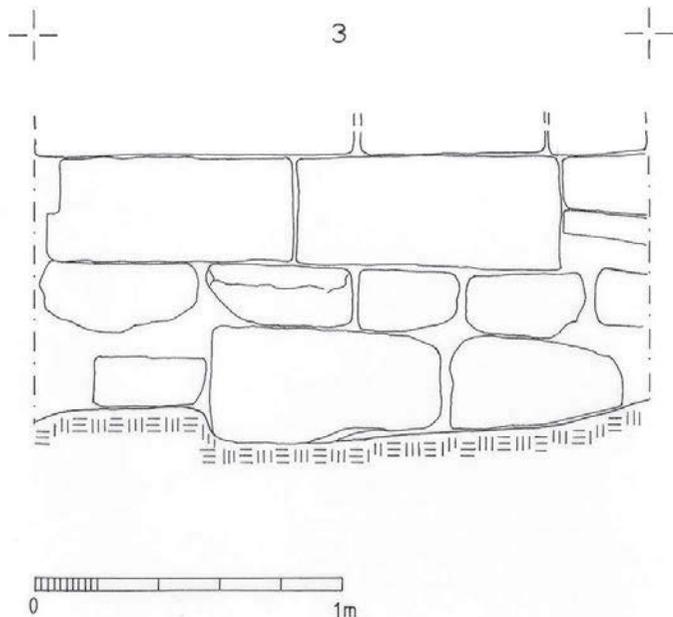
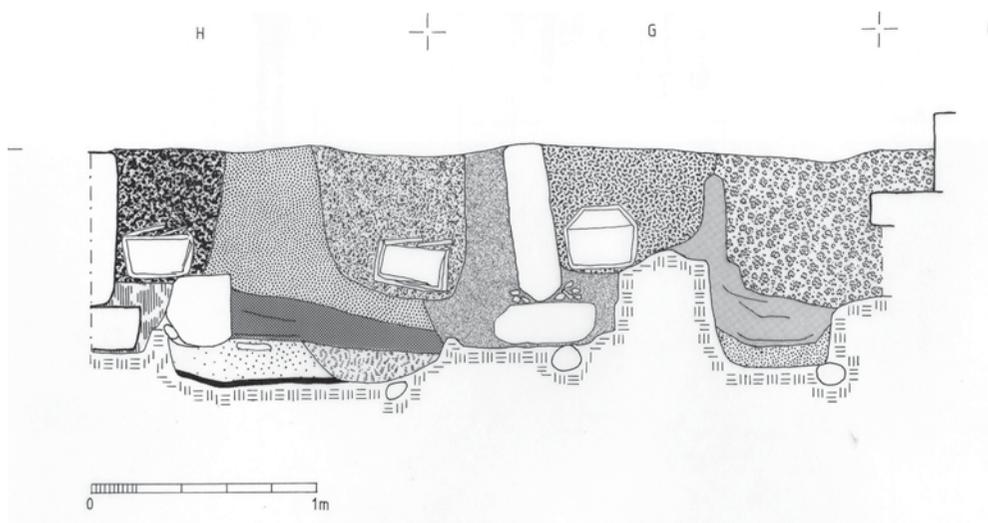


Figura 15. Alçado do alicerce interior da parede Norte da nave (quad. F2). Sobre o saibro, uma fiada de grandes silhares de granito, pertencentes ao alicerce do edifício com abside, sobre a qual assenta o alicerce da parede da igreja.



**Figura 16.** Corte Oeste das quad. F3 e G3. São visíveis diversas tumulações e os pilares de assentamento do soalho da igreja. o lado Norte é visível o alicerce da parede Norte da nave da igreja.

Tumulação 1 (quad. G3) – recém-nascido em caixão de madeira trapezoidal, com tampa decorada com cruz e resplendor em tecido. Vestígios de cabelo, vestes, sapatos e flores. Foi a tumulação mais recente encontrada e estava depositada diretamente sobre o caixão da tumulação 4.

Tumulação 2 (quad. G3) – adulto em caixão de madeira trapezoidal, com tampa decorada por cruz e resplendor em tecido fixado por taxas de cobre. Corpo em posição de decúbito dorsal com as mãos cruzadas sobre o ventre. Pelos restos de cabelo, castanho e com risco ao meio, e vestes verificou-se tratar-se de um indivíduo do sexo feminino. Exumou-se uma medalha<sup>4</sup> e uma moeda<sup>5</sup> na zona da bacia.

Tumulação 3 (quad. G3) - adulto em caixão de madeira trapezoidal, com tampa decorada por cruz grande e resplendor em tecido fixado por taxas de cobre. Corpo em posição de decúbito dorsal com as mãos cruzadas sobre o ventre. Nas

mãos encontrava-se um terço em cobre e contas de vidro. Exumou-se uma moeda<sup>6</sup> na zona da bacia.

Tumulação 4 (quad. G3) - adulto em caixão de madeira trapezoidal, diferente dos outros exumados nesta área. Parece tratar-se da tumulação mais antiga dos caixões encontrados neste nível. O esqueleto encontrava-se muito destruído devido à ação da cal viva, era visível a marca sobre as tábuas do caixão em posição de decúbito dorsal com as mãos cruzadas sobre o ventre. Na zona das mãos encontrava-se um terço. Exumada uma moeda<sup>7</sup>.

Tumulação 5 (quad. F3/G3) - adulto em caixão de madeira trapezoidal, o esqueleto já não era visível devido à ação da cal viva. Na zona da cabeça encontrou-se um terço com contas de madeira e crucifixo de cobre.

Tumulação 6 (quad.F3) - adulto em caixão de madeira trapezoidal, com tampa decorada por cruz em tecido. Corpo em posição de decúbito

<sup>4</sup> Medalha de Nossa Senhora das Dores no anverso e Santíssimo Sacramento no reverso.

<sup>5</sup> Moeda em mau estado de conservação – X reis de D.João V ou D. José (1737 – 1765).

<sup>6</sup> Moeda de V reis de D. João VI (1804-1814).

<sup>7</sup> Moeda de X reis de D. João V de 1737.

dorsal com as mãos cruzadas sobre o ventre. Foi exumado um brinco na zona da cabeça pelo que se julga tratar-se de um indivíduo do sexo feminino. Recolheram-se duas moedas no interior do caixão, não legíveis.

Tumulação 7 (quad.F3/G3) - adulto em caixão de madeira trapezoidal sem decoração visível, assente diretamente sobre o saibro base que foi escavado para colocar o caixão. Situada sob a tumulação 5. Exumada uma moeda<sup>8</sup>.

Tumulação 8 (quad.F3) – sepultura escavada no saibro, de forma oval. Não se detetaram vestígios da tumulação.

Tumulação 9 (quad. H2) – recém-nascido em caixão trapezoidal de madeira com revestimento em tecido vermelho. O corpo encontrava-se desfeito.

Tumulação 10 (quad. H2) – criança em caixão trapezoidal de madeira com cruz na tampa. O corpo encontrava-se desfeito.

Tumulação 11 (quad. H2) – adulto em caixão trapezoidal de madeira. O corpo encontrava-se desfeito.

Tumulação 12 (quad. H2) – adulto em caixão trapezoidal de madeira. O corpo encontrava-se desfeito.

Tumulação 13 (quad. H2) – adulto em caixão trapezoidal de madeira. No corte N da quad. H2. Exumadas duas moedas<sup>9</sup> e 2 medalhas<sup>10</sup>.

Tumulação 14 (quad. F2) – caixão de adulto em chumbo. O caixão não foi aberto e foi mantido “in situ”.

Na área escavada não foi possível determinar a presença de estruturas, positivas ou negativas, que possam ser relacionadas com o edifício com abside. No entanto, sob o alicerce da parede Norte

da igreja observa-se o alicerce de uma construção anterior que deverá pertencer ao edifício com abside.

### 2.3. A intervenção arqueológica / 3ª fase (1993)

A 3ª fase iniciou-se em 1 de março de 1993 na área exterior a Oeste da capela de Santo Tirso e teve como objetivo determinar a face exterior Oeste da ábside pré-românica e da sua relação com o edifício românico. O solo encontrava-se muito remexido, tendo sido encontrado vestígios da realização de obras de remodelação recentes, da igreja, nomeadamente materiais de construção, azulejos, telhas e mais interessante dois fragmentos de uma pequena estátua de Santo António, em pedra de Ançã, à qual faltava a cabeça. Estas obras poderão estar relacionadas com o derrube de um pequeno edifício, anexo à igreja existente no local, conhecido como Casa dos Ossos e que terá sido retirado há algumas dezenas de anos.

Foram encontrados restos do alicerce deste edifício. Mas o principal achado nesta área consistiu na existência, por baixo da parede lateral Oeste da capela de Santo Tirso, de duas fiadas e do alicerce da parede exterior do edifício pré-românico que serviam de alicerce à atual capela. Esta descoberta permite-nos observar claramente as características do edifício pré-românico que é constituído por grandes silhares bem talhados e regularmente colocados. foi também possível observar que o alicerce deste edifício se coloca a uma cota inferior à da atual igreja que se lhe sobrepõe, sendo portanto claramente anterior. Nesta área foram ainda detetados vestígios de uma sepultura escavada na rocha.

Sobre a rocha base foi identificada uma estrutura retangular construída com pedras talhadas e que poderá ter servido como

<sup>8</sup> Moeda de V reis de D. Maria II (1791-1798).

<sup>9</sup> Uma moeda ilegível e uma moeda de X reis de D. João V (1737-1749).

<sup>10</sup> Uma medalha ilegível e uma medalha com ANV - imagem de Nª Sra. com Menino e inscrição MARIA LAVRET; REV – imagem de S. Bento e inscrição CRUX S. P. BENEDICT.

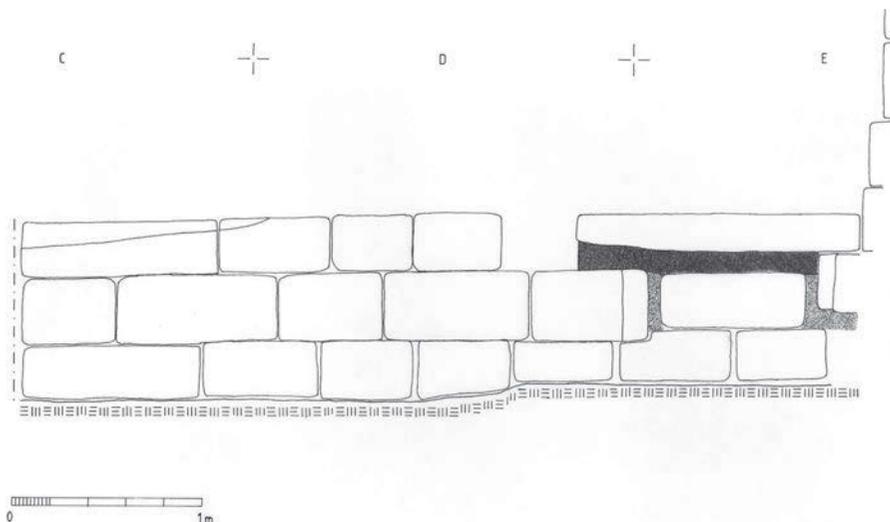


**Figura 17.** Alicerce da parede exterior da abside do edifício suevo-visigótico, sob a parede da capela de Santo Tirso, sendo visível a antiga soleira.

assentamento a uma tumulação, já desaparecida, com uma cronologia provavelmente pré-medieval.

O interior da sacristia revelou-se como a área mais interessante do ponto de vista arqueológico. O facto de não ter sido objeto de tumulações recentes (sécs. XVIII-XIX) permitiu que se conservassem vestígios de diversos edifícios e sepulturas medievais.

Foi possível encontrar a continuação da abside pré-românica ao nível do alicerce, constituído por grandes pedras graníticas inseridas diretamente no saibro. Sobre este alicerce estão marcados os assentamentos da parede interior da abside - continuando a forma sub-circular detetada na capela de Santo Tirso - e da parede exterior de planta retangular.



**Figura 18.** Alçado do alicerce da parede Oeste da capela de Santo Tirso. Aparelho regular em grandes silhares em granito que pertence ao paramento exterior da abside identificada no interior da capela de Santo Tirso.

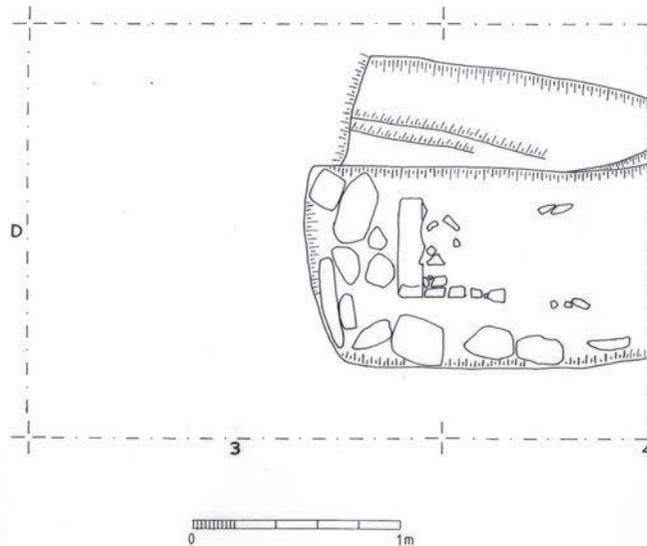


Figura 19. Planta da quad. D3/4. Vestígios de estrutura colocada em vala retangular aberta no saibro. Poderá estar relacionada com o assentamento de uma tumulação pré-medieval.

Detetou-se a existência de um edifício, construído com silhares de granito, servindo de alicerce à atual parede Este da capela de Santo Tirso e de construção posterior à igreja românica. Trata-se provavelmente de uma primitiva capela

de Santo Tirso, construída no período medieval e que foi substituída no século XVIII pela atual capela.

Perpendicularmente à parede Este da capela de Santo Tirso encontrou-se o alicerce de uma outra parede que se prolonga por toda a sacristia com uma orientação este/Oeste. É constituída por grandes pedras de granito rudemente talhado num aparelho distinto do encontrado nas construções medievais. Trata-se provavelmente de um edifício anexo da igreja, talvez uma primitiva sacristia, datável da Idade Moderna.

No espaço da sacristia foram ainda encontradas 3 tumulações medievais, posteriores à construção da igreja românica, num momento em que esta área era ainda um espaço exterior. São sepulturas estruturadas com pedras, uma delas ainda com lajes de cobertura e vestígios de reutilização. Só se encontraram restos ósseos numa das sepulturas.

Na vala de fundação da capela-mor foi recolhido um dinheiro de Sancho II (1223-1248), o que parece indicar uma data de construção inicial posterior a meados do séc. XIII.

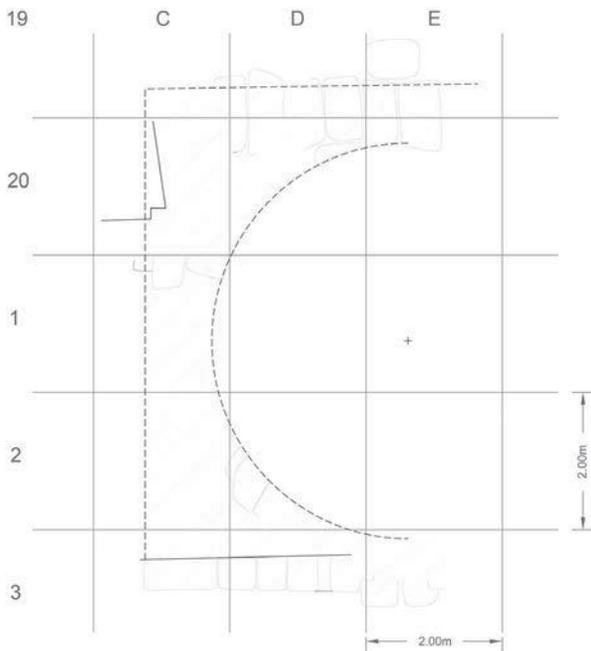


Figura 20. Planta reconstituída da ábside alti-medieval.

Por fim escavou-se a área adjacente pelo Sul à Igreja. Pretendia-se determinar a eventual existência de uma abside simétrica à detetada a Norte da Igreja, a exemplo do que sucede frequentemente em edifícios deste tipo. No entanto ou por nunca ter existido ou porque as alterações provocadas no subsolo pela utilização do local como cemitério até ao início deste século, fizessem desaparecer os vestígios da construção, não se detetaram quaisquer indícios da existência deste lado de uma abside equivalente. Recolheram-se fragmentos de tegulae inseridos em camadas de remeximento.

Foram identificadas 5 tumulações de adulto que consistem em covas retangulares, escavadas no solo para a colocação de caixões de madeira trapezoidais, idênticos aos encontradas no interior da nave da Igreja. Pelas características das tumulações e pelas moedas e medalhas exumadas, deverão datar do final do século XVIII até meados do séc. XIX.

Sepultura 22 – Aberta no saibro de formato retangular com cantos arredondados, caixão trapezoidal em madeira. Exumada uma medalha<sup>11</sup> e uma moeda ilegível.

Sepultura 23 - Aberta no saibro de formato retangular com cantos arredondados, caixão trapezoidal em madeira.

Sepultura 24 - Aberta no saibro de formato retangular com cantos arredondados, caixão trapezoidal em madeira. Exumada 1 medalha não legível e 2 moedas<sup>12</sup>.

Sepultura 25 - Aberta no saibro de formato retangular com cantos arredondados, caixão trapezoidal em madeira.

Sepultura 26 - Aberta no saibro de formato retangular com cantos arredondados, caixão trapezoidal em madeira. Exumadas 1 moeda e 1 medalha ilegíveis.

### 3. Conclusões

Analisemos agora cronologicamente os diversos vestígios arqueológicos detetados:

O edifício mais antigo encontrado e razão principal de toda a intervenção pelo seu significado científico e simbólico é um templo anterior ao edifício românico e do qual se detetou a já referida abside lateral norte. O templo seria constituído provavelmente por uma nave principal orientada segundo um eixo Este/Oeste e com uma capela-mor eventualmente semelhante à abside lateral encontrada. O edifício situar-se-ia sensivelmente no local em que se encontra o atual templo, sendo mesmo possível que parte da parede lateral Norte da nave tenha sido utilizada no edifício românico.

A abside encontrada é retangular no exterior e possui uma face interior em círculo ultrapassado. É construída num aparelho sólido e de aspeto monumental, com silhares de granito perfeitamente talhados e colocados sem necessidade de utilização de qualquer argamassa, dispostos em dois paramentos interior e exterior.

A datação deste edifício coloca-nos ainda alguns problemas uma vez que não se encontraram no decorrer da escavação materiais que permitam uma indicação cronológica clara<sup>13</sup>. No entanto, a sua estrutura arquitetónica, o tipo de aparelho utilizado, os capiteis encontrados nas imediações da igreja e já referidos e a documentação conhecida e que refere a existência no final do século VI, de uma sede episcopal aqui em Meinedo, indiciam-nos tratar-se de um edifício de construção suevo-visigótica, datável dos sécs. VI-VII. O futuro desenvolvimento dos estudos e mesmo a futura realização de outras intervenções arqueológicas poderá por ventura esclarecer, com mais rigor sobre a caracterização deste edifício.

<sup>11</sup> Medalha com ANV. – imagem de Nossa Sra. das Graças e inscrição HO MARIA CONCEBIDA SEM PECADO ROGAI POR NOS QUE RECORREMOS A VOS; REV. – Imagem dos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Medalha conhecida como Medalha Milagrosa, cunhada após as aparições da Virgem a Catarina Labouret em 1830.

<sup>12</sup> Moeda de X reis de D. Maria II (1838); moeda de X reis de D. João V ou D. José (1737-1765).

<sup>13</sup> Inserido entre duas pedras da base do edifício, na actual sacristia, foi encontrado um fragmento de *terra sigillata* clara D, forma 99 de Hayes\_ TSCL D. Com uma cronologia que vai de 510 a 620 d.C.

Analisemos agora a documentação que refere a existência no final do século VI do bispo Viator, como Bispo da Igreja Magnetense e que tem sido objeto de alguma controvérsia.

Começemos por traçar rápida e esquematicamente um quadro da situação política e religiosa desta região no final do século VI.

Já vimos anteriormente que durante a Romanização, se verificou um povoamento intenso desta região, facilitado pela manutenção de um período de paz que durou várias centenas de anos. A implantação do cristianismo nesta região, o Noroeste Peninsular, é ainda mal conhecida, sabemos apenas da existência de um mártir em Braga, S. Vítor, durante as perseguições do Imperador Dioclesiano no início do século IV. No ano de 400, já muito após a conversão do Imperador Constantino, ocorrida em 314, encontramos nas atas do Concílio de Toledo o nome do primeiro bispo de Braga conhecido: Paterno.

A partir de 409 a situação política na Península vai-se alterar radicalmente com a chegada em massa dos povos de origem germânica. Alanos, Vândalos, Suevos e mais tarde Visigodos, vão provocar uma situação de grande instabilidade. Utilizados inicialmente como forças auxiliares pelos próprios romanos, estes povos vão-se valer da sua supremacia militar para se instalarem definitivamente na Península, no caso dos Suevos e Visigodos ou passarem ao Norte de África no caso de Alanos e Vândalos.

No Noroeste Peninsular instalaram-se os Suevos a partir de aproximadamente do ano de 430. Com uma área de influência dominante na região Entre-Douro e-Minho e em Lugo na Galiza, vão instalar a sua capital em Braga. No entanto o seu domínio vai-se estender no final do sec. IV desde a Galiza quase até ao rio Tejo.

Os Suevos embora já cristianizados quando se instalaram nesta região professavam o arianismo. uma heresia surgida no sec. IV, vão-se converter ao catolicismo no ano de 550, pela ação de S. Martinho de Dume que converteu o rei Carrarico.

S. Martinho de Dume, um monge provavelmente originário da Panónia, uma região da atual Hungria, teve um papel decisivo na difusão do catolicismo nesta região. Fundou um mosteiro em Dume, de que foi bispo, perto de Braga, difundiu a vida monástica, reorganizou a Igreja Sueva, fixando as suas paróquias, combateu as heresias e as superstições pagãs através de vários escritos, finalmente e porque nos interessa agora diretamente reuniu dois Concílios em Braga, de que foi posteriormente bispo, nos anos de 561 e 572.

Em 572, no II Concílio de Braga aparece entre os subscritores, Viator, Magnetensis Ecclesiae Episcopus (. A elevação a sede de bispado da localidade de Magneto deverá ter ocorrido durante o I Concílio de Lugo, em 569. Nessa altura, face à amplitude do território abrangido por algumas dioceses, o que inviabilizava uma visita anual a cada paróquia, o rei suevo Teodomiro propõe ao Concílio que se criassem novas dioceses. Embora não tenha sido registado quais as novas sedes de diocese, sabemos que a proposta foi aprovada e eleitas novas Sés com os seus Bispos. Sendo o território da diocese Bracarense um dos mais dilatados, terá sido criada na sua área meridional, junto ao rio Douro, uma nova diocese com sede em Magneto, cujo território corresponderia, possivelmente, ao da futura diocese do Porto. Este facto é confirmado pela presença, já referida, no Concílio seguinte, o de II Concílio de Braga em 572, do bispo Magnetense de nome Viator.

Esta é a única referência à existência de uma sede de bispado em Magneto (Meinedo). No Concílio seguinte, o Terceiro de Toledo<sup>14</sup>, em 589, encontramos já entre os subscritores

<sup>14</sup> O Terceiro Concílio de Toledo, em 589, foi o primeiro Concílio realizado após a anexação do reino Suevo, em 585 por Leovigildo, e após a conversão do rei visigótico Recaredo ao catolicismo, em 586.

Constâncio, bispo Portucalense, passando a serem sistematicamente referida a partir daí, a diocese e os bispos Portucalenses.

Parece ser consensual entre vários autores (Florez, 1903; Fernandes, 1968; Moreira, 1985) que o território que teve sede episcopal em Magneto seria o mesmo da posterior diocese Portucalense, pelo que se terá dado apenas uma transferência de sede episcopal<sup>15</sup>.

A transferência da sede episcopal para Portucale, confirmada pelo texto conciliar já referido, deverá porém ter ocorrido em data anterior.

Abramos aqui um novo parêntese para referir que desde 470 que no resto da Península se havia instalado um outro povo de origem germânica, os Visigodos, que vão entrar frequentemente em conflito com o reino suevo, acabando por o anexar em 585.

Quando da anexação do reino Suevo, o rei visigótico, Leovigildo, nomeia Argiovitus, um ariano, bispo Portucalense. Não sabemos se datará desta altura a elevação de Portucale a sede de Bispado, ou se já aí existiria outro bispo que terá sido substituído por não professar a fé ariana, não sabemos igualmente se terão coexistido as duas sedes episcopais. No entanto parece ser certo que em 589, já não havia bispo em Meinedo, pois não se encontra presente no Concílio de Toledo. Verifica-se portanto que a diocese Magnetense poderá ter durado no máximo 20 anos, entre 569 e 589.

A importância destes achados reside portanto na possibilidade de confirmar através dos vestígios arqueológicos o que era indicado pela documentação escrita, ultrapassando assim o argumento da não existência em Meinedo de

vestígios materiais de um povoado ou edifício religioso que justificassem a concessão da dignidade episcopal no final do século VI.

Alguns autores referem como fator para a atribuição da sede episcopal a Magneto a existência de um mosteiro<sup>16</sup>, com os clérigos necessários ao funcionamento de uma sede episcopal, no entanto não existe nenhum documento que comprove a existência desse mosteiro no século VI.

Existiu efetivamente em Meinedo um mosteiro denominado Mosteiro de Santo Tirso e que sabemos ter sido doado, em 1131, por D. Afonso Henriques ao Bispo do Porto, D. Hugo. Não conhecemos no entanto a sua origem e se já existiria no final do século VI.

Nas Inquirições de 1258 é referido o Mosteiro de Santo Tirso de Meinedo (Inq.:p. 543/4) no entanto a inexistência de qualquer documentação dos séculos XII e XIII referindo-se ao mosteiro e aos seus bens indicam que nesta altura este já devia estar extinto mantendo-se apenas a designação aplicável à igreja. Esta situação é confirmada pela construção do novo templo românico, sagrado em 1262 e ao qual é atribuído o orago de Santa Maria.

Não parece assim ser descabido fazer corresponder o templo pré-românico agora detetado ao antigo Mosteiro de Santo Tirso, sobre o qual pouco sabemos, nomeadamente quanto à sua origem e se esta será contemporânea da construção do templo.

Como conclusão parece ser possível interpretar a passagem da dignidade episcopal de Meinedo para o Porto (o Castro Novorum) como uma transferência de sede uma vez que se mantém o mesmo território. A explicação para o facto de a sede estar situada episodicamente em Meinedo pode residir em fatores de

<sup>15</sup> Situação semelhante ocorreu posteriormente, durante a Reconquista, com a transferência da sedes episcopais de Idanha para a Guarda e de Ossunoba para Silves, sem que tenha havido alterações de território.

<sup>16</sup> D. António F. Gomes refere-se ao facto considerando que teria sido determinante a situação geográfica central de Meinedo, em relação ao território diocesano, por contraponto com a situação fronteiriça de Portucale, principalmente num a Época de confrontos entre visigodos e suevos (Gomes, 1970: p. 75).

ordem político religioso ainda não totalmente compreendidos. Será, no entanto, de referir a posição de Almeida Fernandes que refere o facto de, devido à recente conversão dos Suevos ao catolicismo, algumas das paróquias existentes permanecerem fieis à fé ariana. Seria esse o caso do Porto então designado Castro Novo e essa a razão porque ficou a residir o bispo em Meinedo, numa primeira fase, transitando posteriormente para o Porto.

O atual edifício românico, construído no século XIII indicia pela diferença verificada no tipo de aparelho utilizado na construção das paredes, a existência de várias fases de construção e/ou remodelação ou mesmo o aproveitamento de parte do edifício anterior.

No entanto a observação dos vestígios arqueológicos deixou claro que o atual edifício e a abside encontrada nunca terão coexistido simultaneamente.

Ainda no período medieval, provavelmente pouco depois da conclusão da igreja românica, e sobre a abside pré-românica, foi construída uma capela lateral, provavelmente uma primitiva capela de Santo Tirso (o que ajuda a compreender a perduração do culto do Santo neste local).

Também medievais são diversas sepulturas escavadas no saibro, de forma ovalada e estruturadas com pedras e que se encontram no espaço exterior e interior da igreja românica.

No século XVIII, a exemplo do que sucedeu em grande parte das igrejas do Entre-Douro-e-Minho, verificam-se grandes alterações na Igreja de Meinedo, a capela-mor é reformulada com a colocação de azulejos policromos nas paredes, o teto é revestido de caixotões, são abertas duas grandes janelas retangulares e instalado um altar barroco de talha dourada. Na nave são também abertas duas janelas laterais e fechada a porta lateral Norte.

Deste período é a construção da atual capela de Santo Tirso e das caixas tumulares aí encontradas e com certeza destinadas à tumulação de indivíduos privilegiados.

Ainda do século XVIII data a atual torre sineira existente na frontaria da igreja.

Dos séculos XVIII e XIX datam as diversas tumulações encontradas no interior e exterior da igreja.

Com datação de construção indeterminada foram encontrados restos de dois edifícios já referidos, dos dois lados da capela de Santo Tirso.

Por fim, talvez já no séc. XIX, foi construída a atual sacristia e abertas diversas passagens de comunicação com a capela-mor e entaipado o janelão da parede Norte.

## 4. Bibliografia

### 4.1. Fontes documentais

LF\_ *Liber Fidei Sanctae Bracarenensis ecclesiae* (ed. Pe Avelino Jesus da Costa). 3 vols. Braga (1965-1978-1990).

### 4.2. Fontes impressas

ALMEIDA, C.A.F. (1972) - Notas sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal. In *Revista da Faculdade de Letras - Série História*. Vol III. Porto.

BRANDÃO, D.P.(1971) - O Bispado de Meinedo. Contributo da Arqueologia para o seu estudo. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra.

FERNANDES, A.A. (1968) - *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas*. Viana do Castelo

FLOREZ, H. (1903) - *España Sagrada: Teatro Geographico-Historico de la Iglesia de España*. Madrid. Fortanet.

FONTES, L.F.O. (1992) - O Norte de Portugal no período suevo-visigótico. Elementos para o seu estudo, In *XXXIX Corso di cultura sull'arte Ravenate e Bizantina*. Ravenna, Ed. del Girasole.

MOREIRA, D.A. (1985) - Freguesias da Diocese do Porto. Elementos Onomásticos Alti-medievais, Porto, *Bol. Cultural da CMPorto*.